



LOGOS

Vol.27. Nº02. 2020

54

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
UERJ

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

REITOR

Ricardo Lodi Ribeiro

VICE-REITOR

Mario Sergio Alves Carneiro

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Prof. Lincoln Tavares Silva

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Prof. Luís Antônio Campinho Pereira da Mota

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Prof^a Cláudia Gonçalves de Lima

DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Prof. Bruno Deusdará

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

DIRETORA

Patrícia Sobral de Miranda

VICE-DIRETOR

Ricardo Ferreira Freitas

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/Rede Sirius/PROTAT

L832 ***Logos: Comunicação & Universidade - Vol. 1, N° 1 (1990)***
- . - Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social,
1990 -

Semestral

E-ISSN 1982-2391 | ISSN 0104-9933

1. Comunicação - Periódicos. 2. Teoria da informação - Periódicos. 3. Comunicação e cultura - Periódicos. 4. Sociologia - Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

CDU 007

LOGOS - EDIÇÃO Nº 54 - VOL 27, Nº02, 2020

Logos: (E-ISSN 1982-2391 | ISSN 0104-9933) é uma publicação acadêmica semestral da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e de seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) que reúne artigos inéditos de pesquisadores nacionais e internacionais, enfocando o universo interdisciplinar da comunicação em suas múltiplas formas, objetos, teorias e metodologias. A revista destaca a cada número uma temática central, foco dos artigos principais, mas também abre espaço para trabalhos de pesquisa dos campos das ciências humanas e sociais considerados relevantes pelos Conselhos Editorial e Científico. Os artigos recebidos são avaliados por membros dos conselhos e selecionados para publicação. Pequenos ajustes podem ser feitos durante o processo de edição e revisão dos textos aceitos. Maiores modificações serão solicitadas aos autores. Não serão aceitos artigos fora do formato e tamanho indicados nas orientações editoriais e que não venham acompanhados pelos resumos em português, inglês e espanhol.

EDITORES

Diego Paleólogo, Márcio Gonçalves e Patricia Rebello

PARECERISTAS DESTA EDIÇÃO

Ana Vidica, André Keiji Kunigami, Angela Salgueiro Marques, Beatriz Polivanov, Fernanda Carrera, Leonardo De Marchi, Lucas Murari, Maurício Lissovsky, Patricia Machado, Paulo Gerson Stefanello, Rafael de Oliveira Barbosa, Thalita Bastos e Vinícios Ribeiro.

CONSELHOS EDITORIAL E CIENTÍFICO

Alessandra Aldé (UERJ), Danielle Rocha Pitta (UFPE), Denise da Costa Oliveira Siqueira (UERJ), Fátima Quintas (Fundação Gilberto Freyre), Henri Pierre Jeudi (CNRS-França), Ismar de Oliveira Soares (USP), Luis Custódio da Silva (UFPB), Luiz Felipe Baêta Neves (UERJ), Márcio Gonçalves (UERJ), Michel Maffesoli (Paris-Descartes/Sorbonne), Nelly de Camargo (USP), Nízia Villaça (UFRJ), Patrick Tacussel (Université de Montpellier), Patrick Wattier (Université de Strassbourg), Paulo Pinheiro (UniRio), Ricardo Ferreira Freitas (UERJ), Robert Shields (Carleton University/Canadá) e Ronaldo Helal (UERJ)

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Revista Logos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Comunicação Social

Programa de Pós-graduação em Comunicação

Rua São Francisco Xavier, 524/10º andar, sala 10.129, Bloco F

Maracanã

20550-013 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Tel: (21) 2334-0757

E-mail: logos@uerj.br

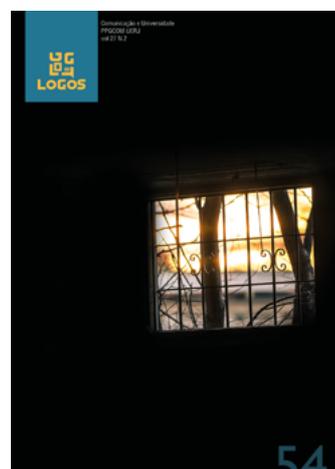
Website: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos>

PROJETO GRÁFICO

Celeste Ribeiro

REVISÃO DESTE NÚMERO

Patricia Rebello, Márcio Gonçalves e Diego Paleólogo



SUMÁRIO

- 12 A supremacia da visualidade e a leitura em contexto digital
The supremacy of visibility and reading in a digital context
CARINA OCHI FLEXOR
- 26 As transformações do ator-personagem no rito cinematográfico
The transformations of the actor-character in the cinematographic rite
CRISTIANE MOREIRA VENTURA
LARA LIMA SATLER
- 43 Subjetividades em relação: diálogos entre o modelo praxiológico da Comunicação e perspectivas feministas do Sul Global
Subjectivities in relation: dialogues between the praxiological model of Communication and feminist perspectives of the Global South
NATHÁLIA DE SOUSA FONSECA
DANILA GENTIL RODRIGUEZ CAL
ROSÂNGELA ARAÚJO DARWICH
- 61 Pensar a comunicação em 1909: uma leitura do conceito em “Social Organization”, de Charles H. Cooley
Thinking about communication in 1909: a reading of Charles H. Cooley’s concept in ‘Social Organization’
LUIS MAURO SA MARTINO
- 77 Framing the wall: The Palestinian resistance against the occupation in Five Broken Cameras (2011)
Enquadrando o muro: A resistência Palestina contra a ocupação em Cinco Câmeras Quebradas (2011)
DIEGO GRANJA DO AMARAL
- 97 Coringa, mídia e bionecropolítica
Joker, media and bionecropolitics
LUIZ FELIPE ZAGO
- 113 Pandemia: porque não usar
Pandemia: reasons not to use
HELENA KATZ
- 129 ENTREVISTA
Arquiteturas afetivas, moradas de imagens: conversa com o artista Alexandre Sequeira
ALEXANDRE ROMARIZ SEQUEIRA
VINÍCIOS KABRAL RIBEIRO
BEATRIZ MORGADO DE QUEIROZ
DIEGO PALEÓLOGO ASSUNÇÃO

EDITORIAL

O contexto faz estremecer a vida e precisamos aprender a caminhar sobre a instabilidade.

No desenrolar dos acontecimentos provocados pelo novo corona vírus (covid-19 ou vírus SARSCov-2), nos deparamos com uma pluralidade de encerramentos e possibilidades, como no filme *Doutor Estranho* (Scott Derrickson, 2016), a intensa abertura e fechamento de mundos, portais, espaços e tempos. Diante das vertiginosas reviradas de perspectivas, muitos efetivamente se mantiveram em casa, outros adotaram medidas preventivas e flexíveis e, ainda alguns outros, recusaram os perigos e avisos e seguiram como se o mundo ainda fosse o mesmo de Outubro ou Novembro de 2019.

Narrativas audiovisuais, literaturas, novas e velhas mídias, geopolíticas, questões raciais, feministas, LGBTQIA+, indígenas, de classe, e tantas outras emergem como discursos e lutas afiadas no redemoinho das histórias.

Os pensamentos seguiram o confuso fluxo das coisas e dos movimentos humanos: desaceleraram, sideraram, caíram em vertigem, aceleraram mais uma vez.

Estamos diante do óbvio e do obtuso.

Na radicalidade imprevista, a Comunicação Social, mais uma vez, emerge como campo imprescindível no qual as disputas e negociações ocorrem. Observamos, através de telas ou não, novos agenciamentos, modalidades e organizações entre corpos, dispositivos, biologia e ética. Mediadores surgiram como asteroides e, assim como a metáfora, se dissolveram e perderam impacto. Termos e conceitos (re)surgiram no oceano semântico: alguns sobreviveram, outros retornaram às profundezas.

Produções artísticas divulgadas online, realizadas com recursos próprios, de formas amadoras, caseiras, movimentaram e mobilizaram as vidas de muitas pessoas. *Lives*, reuniões, shows, peças de teatro foram desenvolvidas para ambientes digitais, emolduradas pelas restrições e possibilidades de aplicativos. Pulverizada, a informação foi atomizada e, na era da pós e da auto verdade, usuários voltaram-se para meios e veículos tradicionais e

consolidados, enquanto outros apostaram (e ainda apostam) em novas configurações de produzir e consumir informações.

A LOGOS 54 é publicada e costurada dentro desse contexto.

Os oito artigos e a entrevista compõem uma edição plural, múltipla, que se conecta radicalmente com o momento atual sem tornar-se uma repetição exaustiva de muitas coisas que circulam pela rede.

É necessário observar que os temas abordados nos diferentes artigos se vinculam aos processos que nos trouxeram até aqui.

Em 'A supremacia da visualidade e a leitura em contexto digital', Carina Ochi Flexor aponta que a cultura digital vem provocando mudanças nas experiências leitoras, sobretudo quando se observa a condição ontológica da mídia digital, exigindo olhares atentos acerca da condição da imagem. Seu artigo reflete acerca do lugar da imagem diante da leitura em contexto digital. Tomando como arcações teóricas as noções acerca dos protocolos de leitura e a pragmática computacional, o trabalho defende, a partir de uma breve análise dos caminhos da imagem no livro, a reversão hierárquica conquistada por essa matriz de linguagem nos atuais contextos, apontando a imagem como elemento narrativo e janela de acesso à informação em ambientes informáticos.

'As transformações do ator-personagem no rito cinematográfico', por Cristiane Moreira Ventura e Lara Lima Satler, considera a emergência da forma híbrida de certa cinematografia brasileira contemporânea, a qual se utiliza em sua estratégia de realização a performance do ator-personagem em seus papéis sociais. As autoras examinam a realização como um rito de passagem, a fim de compreender as transformações que ocorrem tanto no modo de fazer cinema, quanto às que ocorrem com o próprio ator-personagem ao se "iniciar" no meio cinematográfico.

Nathália de Sousa Fonseca, Danila Gentil Rodriguez Cal e Rosângela Araújo Darwich discutem, no artigo 'Subjetividades em relação: diálogos entre o modelo praxiológico da Comunicação e perspectivas feministas do Sul Global', como os processos comunicacionais, em interface com perspectivas feministas do Sul Global, corroboram com a construção de um olhar crítico às formas de dominação e mais sensível às resistências e redes de solidariedades do que as noções feministas hegemônicas. As autoras traçam um panorama do modo como a colonialidade do saber se materializou na distribuição desigual entre as mulheres, estabelecendo uma sujeita do feminismo

a partir da noção universalista partidária do movimento que toma o ocidente como sujeito absoluto – reverberando diretamente na produção de conhecimento feminista.

Luis Mauro Sa Martino realiza uma leitura do conceito de comunicação proposto por Charles H. Cooley em seu livro “Social Organization”, publicado originalmente em 1909. Ao que tudo indica, trata-se de uma das primeiras abordagens teóricas da Comunicação enquanto objeto específico de conhecimento. Embora escrito há mais de um século, em um contexto diferente do atual, suas proposições antecipam algumas ideias em circulação na área. São destacadas três de suas proposições: (1) a diferenciação dos fenômenos comunicacionais em relação a outros processos individuais e sociais; (2) a comunicação como relação humana primeira, vínculo mediador na formação dos sujeitos em articulação com o social e (3) cada mídia, da palavra ao impresso, atua com outros elementos na configuração de um ambiente sócio-cognitivo específico. Esses pontos são discutidos no contexto do debate epistemológico da Comunicação.

‘Framing the wall: The Palestinian resistance against the occupation in Five Broken Cameras (2011)’, de Diego Granja do Amaral, escrito e publicado na língua inglesa: This paper looks at the documentary *Five Broken Cameras* (Palestine, Israel, France, Netherlands, 2011) to discuss the temporal implications of a quotidian under occupation. More specifically, the investigation casts light over the peaceful resistance against the Israeli wall in the Palestinian village of Bil’in portrayed by the lenses of Emad Burnat, a Palestinian villager who becomes the village’s filmmaker after the acquisition of his first camera. Upon the analysis, I claim that in the context of the Palestinian struggle, cinema is both an integral part of the resistance and an instrument to structure the experience of time in an area fragmented by the occupation.

No instigante ‘Coringa, mídia e bionecropolítica’, Luiz Felipe Zago toma o filme *Coringa*, de 2019, com o objetivo de mostrar a presença midiática na narrativa, na qual os meios de comunicação atuam de formas decisivas para o personagem fazer-se Coringa. Cenas do filme foram localizadas, descritas, e diálogos foram transcritos, nos quais a materialidade dos meios de comunicação aparece como elemento narrativo. Articulou-se essas cenas aos conceitos de biopolítica e necropolítica. Três formas de relação entre Arthur e a mídia aparecem: desejo de participar da TV para ser reconhecido em sua história como bom filho e bom comediante; reconhecimento de si como “palhaço assassino”, não como criminoso, mas como herói; e uso da mídia para relatar sua indignação e, também, para publicizar a prática de morte.

Finalmente, Helena Katz tenciona o termo “pandemia” no artigo ‘Pandemia: porque não usar’. Com a proposta de praticar um “conhecimento situado” (Haraway, 1999), este artigo chama a atenção para a necessidade de identificar a lógica de dominação implicada no uso da nomeação de pandemia para a crise de saúde sanitária de alcance mundial que estamos vivendo. Tal nomeação suaviza a desigualdade que pauta o enfrentamento da Covid-19, doença que se apresenta na forma de epidemias que têm características locais. É necessário identificar o dano que causa uma imagem midiática que ignora as diferenças que deveriam ser destacadas nos modos de enfrentamento da contaminação, e que derivam das divergentes dimensões econômicas e políticas que distinguem cada lugar onde o vírus SARS-COV-2 se instala. O uso reiterado da palavra ‘pandemia’ reforça o controle sobre a desigualdade que fissa a possibilidade da garantia de existência de um mundo ‘pan’.

A entrevista intitulada ‘Arquiteturas afetivas, moradas de imagens: conversa com o artista Alexandre Sequeira’ é, na verdade, a transcrição de uma conversa que aconteceu virtualmente no dia 14 de setembro de 2020, como parte das atividades do grupo de pesquisa ‘Formas de Habitar o Presente’. Sequeira apresentou sua tese “Residência São Jerônimo: entre o acontecimento, a memória e a narrativa”, defendida em 18 de fevereiro de 2020. A casa familiar, entre tantas reminiscências, detalhes e vestígios, onde vive atualmente, transformou-se em uma residência artística, aglutinando, em momentos distintos, 11 artistas. Alexandre Sequeira fez uma exposição inicial, sobre a tese, seguida de uma conversa com os presentes. Transcrevemos as perguntas que surgiram após a apresentação de Sequeira. O encontro foi aberto e estiveram presentes ouvintes não vinculados ao grupo de pesquisa.

Esperamos que essa edição chegue com provocações articuladas e que abra ainda mais camadas em nossos presentes vertiginosos, destacando a importância dos processos comunicacionais, subjetivos, éticos e estéticos que nos atravessam.

Boa leitura,
Equipe Logos UERJ